

**Guia do Professor****Episódio****Provérbios****Programa****Quem ri seus males espanta**

Prezado Professor:

O episódio de rádio intitulado “Provérbios III” faz parte do programa “Quem ri seus males espanta”, composto por: “Piadas”, “Provérbios” e “Provérbios alterados”. Cada episódio desse programa tem 10 minutos.

O episódio apresentado abaixo foi programado para ser exibido na 2ª série do Ensino Médio. Entretanto, todos os 3 episódios de “Provérbios” foram elaborados de maneira a possibilitar que questões da Língua Portuguesa sejam analisadas. O objetivo principal, nos 3 episódios, é demonstrar, através de análises linguísticas, a maneira pela qual os provérbios funcionam para produzirem sentidos.

Os provérbios são enunciados curtos, de fácil memorização, e repetidos por várias gerações. Essas características fazem com que eles sejam objetos ricos de estudo, pois a análise pode ser completa, ou seja, envolvendo todos os elementos do provérbio. Outra possibilidade de análise neste contexto é a questão que envolve a historicidade. Os provérbios não têm autores conhecidos, mas trazem marcas de períodos da história da humanidade. Ou seja, sua análise permite relacionar língua e história.

As análises linguísticas apresentadas aqui serão entrelaçadas a períodos históricos. O ponto principal é mostrar como língua e sociedade relacionam-se a todo instante. Trabalhamos com dois pressupostos básicos: um diz respeito à concepção de língua e o outro diz respeito à concepção de sujeito.

Todas as reflexões feitas a seguir estão baseadas nas obras dos autores citados nas referências bibliográficas.





Quadro Teórico

Prezado Professor:

Gostaríamos que você nos acompanhasse em nossa reflexão a respeito da concepção básica que norteará todas as nossas análises.

Sabemos que a prática cotidiana em sala de aula está repleta de conteúdos a serem trabalhados com os alunos. Temos certeza de que, para cada conteúdo proposto, existem procedimentos e técnicas de ensino que são adaptados às suas condições de trabalho, que envolvem as instalações e a estrutura de sua escola e o perfil de seus alunos. A proposta que descrevemos aqui foi desenvolvida no sentido de apresentar materiais que podem funcionar como alternativas para o desenvolvimento dos conteúdos curriculares.

É importante ressaltar que a própria configuração do material aqui proposto, ou seja, um programa de rádio que apresente conteúdos de Língua Portuguesa de maneira não-convencional, possibilita um trabalho diferenciado com os alunos. A nossa preocupação inicial foi com o formato dos episódios do programa: queríamos apresentar um texto que discutisse questões importantes para a disciplina de Língua Portuguesa, e que também contextualizasse esse conteúdo de maneira a captar a atenção do aluno.

Optamos, assim, por apresentar aos nossos personagens, os apresentadores do programa, Henrique e Marcela, e aos entrevistados, uma discussão em torno de provérbios. Uma das nossas preocupações foi possibilitar a retomada de questões importantes para a história como um todo: a maneira pela qual os sentidos estão relacionados às condições históricas de produção. Considerando o objetivo do episódio, que é o de tratar de polissemia, interpretação, produção de sentidos, interdiscurso e homogeneização, procuramos mostrar como os fatos da língua estão relacionados a momentos históricos. Esses assuntos serão analisados nas atividades pós-exibição propostas.

Propomos que as análises sejam feitas dentro do quadro teórico da Análise de Discurso Materialista. Esse quadro teórico possibilita análises da materialidade da língua, considerando-a em seu funcionamento. Ou seja, pretendemos dar visibilidade aos processos que ocorrem quando falamos, quando a língua é colocada em movimento.





Para darmos início à apresentação dos pontos principais da proposta teórica, levando em conta os conteúdos preparados para esse episódio “Provérbios”, é interessante entender o nome ‘Análise de Discurso Materialista’.

Entendemos que **discurso** é a relação entre a materialidade significativa e a história, relação na qual os sentidos entre locutores se produzem como efeitos.

Discurso é a relação entre materialidade significativa e história, na qual os sentidos entre locutores se produzem como efeitos.

O nome “materialismo” deve-se ao peso que a história tem para a compreensão dos fatos que envolvem a língua e o sujeito, considerado-o nas muitas posições que ocupa. Com essas exposições, queremos dizer que faremos a proposta de análise dos textos apresentados sempre levando em consideração a relação entre história e sentidos.

Chamamos a atenção para dois conceitos muito importantes para a Análise de Discurso Materialista (doravante AD), e que são mobilizados sempre que o assunto é a língua. O primeiro diz respeito à própria língua, e o segundo diz respeito ao sujeito. É importante ressaltar, aqui, que, para trabalharmos dentro dessa concepção, sujeito e língua não podem ser considerados separadamente. Vejamos por quê.

Começamos pela concepção de **língua**. Consideramos que a língua é uma das formas de linguagem com as quais o sujeito, em sociedade, convive. O Brasil é um país muito rico em formas de linguagem. Somos capazes de reconhecer nos interesses de nossos alunos a grande variedade de formas que circulam em nosso ambiente social: desenhos, pinturas, melodia, movimentos do corpo, entre outros.

Para a AD, as diferentes formas de linguagem são compostas por **objetos simbólicos**, que seriam, por exemplo, os fonemas, as notas musicais, as cores, os traços, os gestos. Esses objetos simbólicos, em conjunto, formam a língua, as músicas, as pinturas, os desenhos, os movimentos do corpo. Ou seja, eles constituem as diversas formas de linguagem.

A questão que é importante, no que diz respeito à concepção de linguagem, é que ela não tem um sentido único, fixo e imutável. Como a língua é uma forma de linguagem,





podemos dizer que ela também não tem um sentido único, fixo e imutável: ela é polissêmica.

A **linguagem** e suas diversas formas não têm um sentido único, fixo, imutável.

Dessa maneira, estamos querendo que você, professor, considere, conosco, que as mais diferentes materialidades da linguagem - configuradas como textos escritos, fala, músicas, desenhos, pinturas - são exemplos de objetos simbólicos, por serem formados por símbolos, sejam eles gráficos, sejam eles sonoros. Essas materialidades estão expostas ao trabalho do simbólico, se constituindo em objetos simbólicos para o sujeito. Esses objetos simbólicos estão na dimensão do discurso, o que significa que o trabalho do simbólico é sempre determinado pelas **condições de produção** do discurso e se faz, como já afirmamos acima, enquanto produção de efeitos de sentido entre locutores.

Como estamos pressupondo que os objetos simbólicos não têm sentido próprio, fixo, imutável, trabalhamos com o conceito de que produzem efeitos de sentido. Ou seja, a linguagem, em suas mais diversas formas, inclusive a língua, é colocada em movimento pelos sujeitos. Nesse processo, isto é, quando colocados em movimento, as formas da linguagem estão na dimensão do discurso, e, por isso, conforme a definição de discurso dada acima, dizemos que produzem efeitos de sentido entre locutores.

Vamos nos aprofundar nessa questão a seguir.

Efeitos de Sentido

A questão da polissemia na língua é um grande desafio para professores, alunos e profissionais que trabalham na área da linguagem. Nós todos sabemos que os objetos simbólicos têm sentidos estabilizados em uma comunidade languageira. Sendo assim, em sua cidade, sua escola, no nosso país, nos entendemos quando falamos, quando colocamos a Língua Portuguesa em movimento porque há determinações que fazem com que o sentido das palavras, expressões, dos textos, apesar de não serem únicos, também não possam ser qualquer um. Nós nos deparamos com sentidos estabilizados. E, dentro do quadro teórico da AD, a estabilização dos sentidos é dada pela história.

O objetivo das análises que faremos aqui é verificar **como** esses efeitos de sentido são produzidos. Esse objetivo é diferente da pergunta que acompanha normalmente os





textos, que gira em torno de compreender como os sentidos se produzem em determinadas condições de produção. Dessa maneira, ao invés de nos perguntarmos o que uma palavra, uma expressão, ou um texto significam, vamos sempre tentar responder **como** eles significam. Com isso, focalizaremos o funcionamento da língua, de sua forma, de sua estrutura, e a articulação entre os diversos elementos que compõem um texto. Portanto, a grande questão de análise é investigar **como** os objetos simbólicos, em funcionamento no discurso, produzem efeitos de sentido. Isso porque, relembrando a definição acima, o **discurso é o lugar onde efeitos de sentido ocorrem**.

Sabemos que os sentidos nos parecem evidentes. O trabalho do analista de discurso, entretanto, nos alerta para o fato de que essa evidência é resultado da identificação do sujeito com os sentidos e da estabilização destes em nossa sociedade. A identificação do sujeito com determinados sentidos não é automática nem consciente, sendo um trabalho da ideologia.

Sendo assim, quando somos colocados em contato com um objeto simbólico, fazemos gestos de interpretação e produzimos sentido para esse objeto simbólico. Esse processo é automático, não nos é consciente, de tal forma que agimos e reagimos produzindo efeitos de sentido sobre e para o mundo simbólico que nos rodeia.

O Papel da História

Uma das questões recorrentes e que merece destaque no nosso trabalho como professores de Língua Portuguesa é o fato de saber que o processo de fazer gestos de interpretação não é aleatório. Constantemente, em sala de aula, nos deparamos com a situação de, na leitura de um texto, ouvir interpretações de nossos alunos que parecem pouco adequadas para a situação. Ou, também, são apresentadas interpretações interessantes e diferentes do esperado. Nos dois casos, as interpretações merecem análises. Relembremos que o discurso é a relação entre a materialidade significante e a história. A partir desse pressuposto, para entendermos **como** os efeitos de sentido são produzidos, é importante pensarmos na dimensão histórica do discurso. A história entra na AD como componente essencial, ficando sua presença mais visível na análise das condições de produção do discurso.

A língua, quando colocada em movimento, está na dimensão do discurso. Sabemos que o



sujeito faz gestos de interpretação porque ele ancora sua interpretação a uma memória discursiva, compreendida como o conjunto dos discursos anteriores, tudo o que já foi dito anteriormente. Isso significa que temos um ressoar de sentidos no funcionamento do discurso. A relação de um discurso com outros, anteriores a ele, que será mostrada nas atividades a serem realizadas com os alunos, recebe o nome de **interdiscurso**.

Interdiscurso é a relação de um discurso com outros anteriores.

Em todo discurso temos, portanto, a língua, considerada em sua estrutura material, e a história, resultado da relação da materialidade significativa com o interdiscurso. Dessa maneira, fazer uma análise discursiva significa reconhecer sempre a língua em funcionamento, investigar como os efeitos de sentido se produzem em uma direção, e não em outra. Para tanto, é fundamental investigar as condições de produção de um discurso, ou seja, perguntar pelos lugares sociais dos sujeitos e pelas circunstâncias históricas, sociais e políticas da enunciação. O trabalho que propomos é investigar como aquilo que está presente nos materiais de trabalho produz efeitos de sentido em uma direção e não em outra, ou seja, produz alguns efeitos de sentido e não outros. Dessa maneira, tanto a interpretação feita pelo aluno e considerada não aceitável, como aquela feita pelo aluno e considerada aceitável, podem ser objeto de análise. A pergunta a ser colocada é sempre **como**. Essa pergunta vale para as duas situações: quais foram as condições que possibilitaram a interpretação desejável, e quais foram as condições que possibilitaram a interpretação não-desejável?

Para responder a essas perguntas, é fundamental investigar as condições de produção de um discurso, ou seja, investigar quem é o locutor, quem é o interlocutor, e em quais circunstâncias históricas, sociais e políticas se deu a enunciação. Isso é válido para o discurso dos alunos e para os textos trabalhados em sala de aula.

É importante ressaltar: o discurso tem uma materialidade significativa e é por meio da análise dessa materialidade que pretendemos tratar os fatos que afetam os sujeitos em sociedade.

O Sujeito

A nossa apresentação do quadro teórico da AD nos leva, finalmente, à concepção de



sujeito. Isso porque é ele que coloca o discurso em movimento, é ele que enuncia, é ele que interpreta. O discurso acontece no sujeito e por seu intermédio.

No que diz respeito à concepção de sujeito, a pergunta a ser respondida gira em torno da interpretação: quais são as condições que afetam a sua constituição e que determinam as suas interpretações?

Consideramos que o sujeito existe a partir do momento em que ele entra em contato com o discurso. Como não se concebe, em nosso mundo, um lugar no qual não exista discurso, podemos afirmar que o indivíduo é interpelado em sujeito desde sempre. A questão gira em torno da constituição do sujeito. O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia. Consideramos que ser sujeito é estar sujeito à língua na história.

Com isso, estamos dizendo que, tendo sido constituído pelo discurso, o sujeito é definido pela posição que ocupa na cadeia discursiva. A maneira pela qual falamos, os nossos alunos falam, isto é, as formas, a estrutura, as palavras e expressões do discurso são resultantes de nossa constituição. E é essa constituição pelo discurso que definirá tanto as interpretações que o sujeito fará dos objetos simbólicos, como a maneira pela qual ele é interpretado pelos outros sujeitos. Isso significa dizer que, para ocupar o lugar social de professor, por exemplo, é necessário, antes de mais nada, ocupar a posição discursiva de professor: falar como professor.

O sujeito é definido a partir da posição que ele ocupa na cadeia discursiva.

Dizemos que o sujeito é constituído como tal pelo discurso. Ele tem uma **formação discursiva**, que determina sua maneira de organizar e interpretar o mundo no qual vive. Cada vez que o sujeito coloca o discurso em movimento, ele estabiliza sua formação discursiva. Isso significa dizer que ele estabiliza seus gestos de interpretação para os objetos simbólicos que compõem o discurso, estabilizando seus efeitos de sentido.

A Formação Discursiva define, de acordo com E. Orlandi (1999), tudo aquilo que pode e deve ser dito em um determinado contexto.

O Discurso e a Formação Imaginária

Um aspecto pouco discutido nas nossas aulas de Língua Portuguesa gira em torno da



relação entre a formação imaginária e o discurso. O ato de enunciar significa um recorte nas diversas possibilidades do dizer, ou seja, quando algo é dito, outras coisas estão sendo excluídas, não-ditas. Isso nos leva a duas grandes discussões. As duas dizem respeito à constituição do sujeito por uma formação discursiva. Essa constituição o coloca em uma posição-sujeito que faz com que os sentidos dos objetos simbólicos lhe pareçam os únicos possíveis. Dessa maneira, dizer algo de uma forma parece óbvio para o sujeito, e o processo de exclusão que isso encerra não lhe é evidente. Em casos extremos, a censura trabalha a partir desse pressuposto: interfere nas maneiras de dizer, interferindo nas maneiras de interpretar. Esse processo leva à segunda grande discussão, que é aquela que ressalta a importância de se enunciar algo que abre as possibilidades de outros dizeres, de colocar em cena formulações novas, que causam deslocamentos nas relações em um determinado grupo social.

A Sala de Aula

A análise dos discursos que circulam em um grupo social coloca questões importantes para serem tratadas por nós, professores, em sala de aula, pois o sujeito é constituído pelo discurso da sociedade que circula em suas instituições: a família, a igreja, a mídia, entre outros. E a escola.

Colocada dessa maneira, a sala de aula merece reflexão, pois nela circulam diversos discursos, diversas possibilidades de produção de efeitos de sentido. As análises que estamos propondo visam a oferecer aos alunos elementos para discutirem as **Condições de Produção** dos enunciados apresentados. Dessa maneira, esperamos que a relação entre interpretação, sentidos e história ganhe visibilidade nas discussões em torno dos textos.

As Condições de Produção devem ser analisadas tanto em seu contexto mais imediato de produção do discurso: quem fala, o que para quem e quando; quanto em seu contexto social e histórico mais amplo. Elas são parte constitutiva da produção dos efeitos de sentido.

Analisar os fatos da língua a partir de suas condições de produção implica procurar as condições histórico-sociais nas quais eles foram produzidos, o que leva a uma análise do funcionamento da linguagem. Esperamos que olhar para as questões que estamos



propondo, analisar a maneira pela qual o discurso produz efeitos de sentido, possa significar um deslocamento na relação dos alunos com a língua. Consideramos que esse deslocamento tem por consequência um deslocamento em sua relação com o mundo social.

Na perspectiva de relacionar a aula de Língua Portuguesa a outras disciplinas e a questões sociais, a grande contribuição das análises propostas é a possibilidade que os professores têm de mostrar duas questões. Em primeiro lugar, que os ensinamentos, sejam eles de cunho moral, ético, histórico, cultural ou social, se dão na materialidade da língua. Ou seja, que não há como separar a análise da língua, no nosso caso, a Portuguesa, da análise de questões que dizem respeito à nossa sociedade. Em segundo lugar, o professor tem por desafio trabalhar com seus alunos essa relação intrínseca entre língua e sociedade: a língua tem um funcionamento, ela tem uma materialidade, decisivos para a constituição da organização da sociedade.

Para discutirmos com os alunos as duas questões colocadas acima, vamos trabalhar, com as atividades propostas nesse episódio, aspectos relativos à sociedade, à história, à filosofia, e como elas acontecem sobre a base material, que é a língua. Dessa maneira, pretendemos focalizar o fato de que estrutura linguística e efeitos de sentido estão relacionados, ou seja, em outros termos, que sintaxe e semântica têm relações intrínsecas no funcionamento da língua.

Há vários momentos de nossas análises em que retomamos categorias morfológicas e sintáticas, tal qual propostas pela gramática normativa. Queremos ressaltar que nosso objetivo foi mostrar seu funcionamento discursivo e, nesse sentido, gostaríamos que você, professor, nos acompanhasse nessa tarefa de levar os alunos a se preocuparem com o movimento da língua e não apenas com suas categorizações.

Procedimentos sugeridos - Indicações gerais

O programa de rádio “Quem ri seus males espanta” é dividido em três episódios de 10 minutos. Estamos trabalhando, aqui, com o episódio “Provérbios”. Nesse episódio são apresentadas diversas situações que servirão de contexto para discussões de fatos relativos ao funcionamento dos objetos simbólicos que compõem a Língua Portuguesa.



Cada episódio de 10 minutos vem acompanhado de 7 atividades pós-exibição e de seis jogos de software. As questões teóricas a respeito do funcionamento da Língua Portuguesa e sua relação com a sociedade serão desenvolvidas nas 7 atividades pós-exibição, apresentadas abaixo com as respostas que julgamos adequadas.

A última atividade pós-exibição é a proposta de um projeto de pesquisa, que poderá ser feito em grupo e que objetiva promover a integração daquilo que foi aprendido e estudado com o contexto social no qual o aluno está inserido. Essas atividades pós-exibição estão disponíveis para os alunos, separadas uma a uma, no site do MEC.

Após terem feito as atividades pós-exibição, os alunos terão a oportunidade de realizar jogos de software. Esses jogos, também disponíveis no site, são compostos por 30 questões cujos temas giram em torno daqueles propostos nos episódios de rádio e nas atividades pós-exibição que os acompanham.

Programa Quem ri seus males espanta

Episódio II - Provérbios

1. *Apresentação do Programa de rádio*

No Episódio “Provérbios” os locutores dos programas de rádio, Marcela e Henrique, estão realizando uma pesquisa entre os ouvintes sobre o tema “provérbios”. No programa, são apresentados alguns provérbios, que são interpretados pelos locutores e pelos ouvintes. Ao final, Vânia, uma sociolinguista, é convidada a dar seu parecer final.

Antes de apresentar o episódio de áudio seria interessante fazer um breve levantamento da interpretação que os alunos dariam aos seguintes provérbios:

- a. “Ferro se malha enquanto está quente”,
- b. “Em terra de cego, quem tem um olho é rei”,
- c. “É de pequenino que se torce o pepino”, e
- d. “Do prato à boca é que se perde a sopa”.

Em seguida, pode ser apresentado o episódio “Provérbios”. Esse episódio tem 10 minutos de duração, divididos em duas partes de 5 minutos cada. Sugerimos que, após a



apresentação da primeira parte, seja feita uma pausa para comentar as análises dos provérbios apresentadas e compará-las com as interpretações feitas pelos próprios alunos.

Após ouvirem a segunda parte do episódio de rádio, é importante discutir com os alunos a afirmação da Vânia: “A língua não é uma coisa fechada, que não esteja aberta a diferentes significações. Uma interpretação depende de um conjunto de fatores: históricos, sociais, ideológicos...”.

Esse enunciado sintetiza a concepção de linguagem com a qual estamos trabalhando ao analisarmos os provérbios, e ela explica as possíveis diferenças de interpretação que podem ter surgido ao longo de suas discussões com os alunos.

2. As Atividades Pós-exibição

As seis atividades pós-exibição apresentadas na sequência dos episódios têm por objetivo apresentar e analisar uma questão discursiva relacionada ao programa de rádio. Elas são compostas:

- a. por um texto que apresentará uma análise discursiva de fatos da língua; e
- b. por atividades que deverão ser realizadas pelos alunos. Essas atividades demandarão uma pesquisa a ser feita pelos alunos por um fato da língua que faz parte de seu cotidiano a ser analisado.

A sétima atividade é uma proposta de pesquisa que poderá ser feita em grupo.

2.1 Conteúdo das Atividades

I. Interdiscurso: os provérbios e seus ensinamentos

Objetivo: demonstrar que os provérbios, como todos os objetos simbólicos, estão sujeitos a interpretações. Entretanto, é importante mostrar para os alunos que as interpretações dos objetos simbólicos não podem ser aleatórias. Elas estão ancoradas a condições de produção, ou seja, é necessário conhecer quem enunciou, quando, e para quem.

Justificativa: as condições de produção dos provérbios são específicas. Eles são enunciados para definir comportamentos considerados adequados por um grupo social.



Isso implica dizer que os ensinamentos que eles estabilizam dizem respeito a valores sociais. É importante que os alunos saibam que esses valores são históricos, pois eles têm relação com o que já foi dito antes. Os provérbios são enunciados que têm, portanto, uma memória. Essa memória, que é discursiva, recebe o nome de interdiscurso.

II. Efeitos de sentido: entre a revolução industrial e a região rural

Objetivo: apresentar aos alunos aspectos do funcionamento dos provérbios. São duas as questões tratadas na análise apresentada: a primeira diz respeito ao funcionamento estrutural do provérbio. Nessa análise será mostrado como fica estabelecida a relação entre as palavras, focalizando principalmente a marca de tempo. A segunda questão trabalhará a maneira pela qual, pela relação interdiscursiva com outros enunciados, anteriores, dois provérbios estabelecem relação com histórias diferentes.

Justificativa: demonstrar para os alunos a importância de reconhecer em uma análise que focaliza a materialidade da linguagem e a maneira pela qual sentidos são produzidos em uma relação com a história. Os alunos terão a possibilidade de se reconhecerem como sujeitos históricos, pois a análise propõe apresentar a relação interdiscursiva estabelecida pelo provérbio.

III. Interpretação: a administração do tempo

Objetivo: demonstrar como um mesmo provérbio admite diferentes interpretações. A interpretação proposta nessa atividade está ancorada principalmente ao sentido estabilizado do verso “estar”.

Justificativa: demonstrar, para os alunos, que interpretar é um gesto que requer observar a materialidade da linguagem e ancorar essa materialidade ao interdiscurso. Com isso, o foco da análise está naquilo que realmente está dito, promovendo, assim, um questionamento do que se convencionou chamar de significado “entrelinhas”, ou “subliminar”.

IV. Deslocamento e Análise Linguística: homogeneização e diferença

Objetivo: demonstrar que a forma e a estrutura de um enunciado, aqui a exemplo do provérbio “Em terra de cego quem tem um olho é rei”, são elementos fundamentais para a produção dos sentidos, ou seja, pretendemos demonstrar que aquilo que por vezes é chamado de conteúdo de um texto está determinado pela sua forma e estrutura.

Justificativa: os provérbios têm uma estrutura que produz sentidos. No provérbio em questão, uma das possibilidades de sentido está em como se estabelece a relação entre aquilo que é homogêneo, ou seja, o conhecimento geral que se opõe à diferença, ao conhecimento específico.

V. Análise Linguística: diversidade

Objetivo: demonstrar que há muitos provérbios, e que eles não produzem sempre os mesmos sentidos para os comportamentos dos sujeitos em sociedade.

Justificativa: uma das questões que sempre se coloca quando trabalhamos com os alunos em sala de aula gira em torno da dicotomia entre homogeneização e diversidade. Trabalhar com análise de provérbios coloca em cena diferentes conceitos e preconceitos em torno dos quais a vida em sociedade está organizada. Os valores não são sempre os mesmos, os comportamentos considerados adequados também não o são.

VI. Discurso e heterogeneidade

Objetivo: demonstrar que a forma e a estrutura de um enunciado são elementos fundamentais para a produção dos sentidos. A análise aqui gira em torno da importância do pronome “quem” para a produção de sentidos em um provérbio.

Justificativa: o trabalho de análise colocará em cena a orientação argumentativa do provérbio “quem cala consente” e uma possível implicação dele para questões relacionadas à censura.

3. Os Jogos de Software

Para o episódio “Provérbios” foram desenvolvidos 6 jogos de software. Cada jogo é composto por 30 questões. O objetivo desses jogos é retomar as questões discutidas no episódio de vídeo e nas atividades. Como o jogo tem, antes de mais nada, um comprometimento com o ensino e a aprendizagem, para cada resposta errada há um comentário que fornece a resposta correta ao aluno. Os jogos de software foram projetados de tal forma que podem ser feitos fora do horário de aula, após cada atividade.

Autores:

*Carmen Zink Bolonhini (Coordenadora)
Suzy Lagazzi (Coordenadora)*



Alan Febraio Parma
 Carolina Padilha Fedatto
 Cássia Cristina Furlan
 Cristiane Maria Megid
 Gissele Bonafé Costa
 Joice Mensato

BIBLIOGRAFIA COMENTADA

Apresentamos, abaixo, uma relação comentada de obras que foram referência para a elaboração do quadro teórico descrito acima. Nelas são trabalhados e discutidos os conceitos da área de Análise do Discurso nos quais nos baseamos para a produção desse material didático e para a escrita desse guia do professor.

- GADET, F. & M. Pêcheux (2004). *A língua inatingível: o discurso na história da linguística*. Tradução: Mariani e Mello, Editora Pontes, Campinas, São Paulo.

Os autores desenvolvem reflexões a respeito da história da linguística, focalizando a ideologia, a história e o sujeito.

- GUIMARÃES, E. *Semântica do acontecimento: um estudo enunciativo da designação* Campinas Pontes 2002

O autor discute questões relativas à nomeação de ruas.

- GUIMARÃES, E.. “Política de Línguas: Língua Oficial”. Enciclopédia Brasileira de Línguas.

<http://www.labeurb.unicamp.br/elb/portugues/lingua_nacional.htm>. Online. 2003.

Acesso em: 04 de maio, 2006.

Enciclopédia virtual que reúne dados sobre as línguas praticadas no Brasil.

- GUIMARAES, E. “Apresentação Brasil: país multilíngüe”. *Cienc. Cult.* [online]. Abril/Junho 2005, vol.57, no.2, p.22-23.

<http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252005000200014&lng=en&nrm=iso>. Online. Acesso em: 27 de junho de 2006.

O autor discute a relação entre o Brasil e as línguas que são faladas por aqui, abordando as questões de linguagem e política.

- HAROCHE, C. (1992) *Fazer dizer, querer dizer*. Trad. de E. P. Orlandi. São Paulo: Hucitec.

A autora interroga os fundamentos e o papel da determinação na gramática fazendo uma discussão sobre os modos como alguns importantes teóricos (Émile Benveniste e Michel Pêcheux, por exemplo) consideram o sujeito na linguagem e na história.

- ORLANDI, Eni Puccinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas, SP: Pontes, 1996

Livro que apresenta reflexões teóricas desenvolvidas a partir de diferentes análises





de discursos.

- 📖 _____. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

A autora desenvolve reflexões a respeito do silêncio e suas diversas formas, incluindo nelas o silenciamento. Obra fundamental para todos interessados em questões relativas à linguagem.

- 📖 ORLANDI, E. P. (1999) *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 6a. ed. Campinas: Pontes, 2005.

O livro apresenta uma introdução ao estudo da Análise de Discurso de linha francesa, apresentando seus principais conceitos teóricos. Livro importante por reunir diversos conceitos e explicá-los para iniciantes na área.

- 📖 _____ & LAGAZZI, S. (2006) *Discurso e texto* Campinas: Pontes .

O livro contém textos de diversos autores apresentando o conjunto de conceitos teóricos trabalhados dentro do domínio da Análise de Discurso.

- 📖 PÊCHEUX, M. (1983). *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 1997.

O autor promove reflexões a respeito da relação entre a materialidade da linguagem e o acontecimento discursivo. O autor mostra, nesse livro, o movimento que se dá entre o processo de descrição e o processo de interpretação no trabalho do analista de discurso.

- 📖 PÊCHEUX, Michel. (1969) Análise automática do discurso (AAD69). In GADET, F. e T. HAK (orgs.) (tradução de Betânia Mariani [et. alii.]) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora da Unicamp. (1997)

Textos de Michel Pêcheux e de outros autores são reunidos de forma a retomar o percurso histórico da disciplina de Análise de Discurso iniciada na França na década de 60. O livro aborda períodos de formulação e reformulação da teoria discursiva até a década de 80.

- 📖 _____ (1988). *Semântica e Discurso: Uma Crítica à Afirmação do Óbvio*. (Tradução de Eni Pulcineli Orlandi [et alii]) Campinas: Editora da Unicamp, 1988.

O autor desenvolve uma reflexão crítica sobre a produção de conhecimentos científicos e sobre a questão da prática política, com base em estudos da semântica que considerem a linguagem como o lugar onde se dão os processos discursivos (históricos e ideológicos)

- 📖 PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. (1969). A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução de Bethânia S. Mariani [et al.]. Campinas: Editora da Unicamp, 1997, Pp. 163-252.

Texto de leitura obrigatória para analistas de discurso. Os autores introduzem conceitos e promovem revisões de outros, tendo em vista o estado da arte da época

